

Reflexões sobre a força identitária e criadora de *Carolina* na narrativa literária bojunguiana

Reflexiones sobre la fuerza identitiva y creador de Carolina en la narrativa literaria bojunguiana

Jocimar BERTELLI¹

Resumo

Reflete-se como a história de um personagem, pode ser considerado “verdadeiro” e como se apresenta na obra *Retratos de Carolina* de Lygia Bojunga. Parte-se da perspectiva de Candido (2000) de que a arte é social e depende do meio para produzir efeitos literários e de Carvalho (1982), pois considera a Literatura Infantojuvenil um instrumento de diálogo. Todorov (2009) destaca a existência de um leitor que busca encontrar na leitura um sentido verdadeiro que permita compreender além do indivíduo e do mundo que o cerca. Navas (2015) destaca a linguagem metaficcional uma tendência contemporânea em expansão. Finalmente, Reichmann (1984) descreve os estudos realizados por Hutcheon observando a importância do papel do leitor na função de co-criador do texto literário. Pretende-se interligar dialeticamente, temáticas que possibilitem um diálogo capaz de produzir reflexões sociológicas de empatia no leitor.

Palavras-Chave: Metaficção. Identidade. Bojunga.

Resumen

Si refleja como la historia de un personaje puede ser considerado "verdadero" y como se presenta en la obra *Retratos de Carolina* de Lygia Bojunga. Se parte de la perspectiva de Candido (2000) de que el arte es social y depende del medio para producir efectos literarios y de Carvalho (1982), pues considera la Literatura Infantojuvenil un instrumento de diálogo. Todorov (2009) destaca la existencia de un lector que busca encontrar en la lectura un sentido verdadero que permita comprender más allá del individuo y del mundo que lo rodea. Navas (2015) destaca el lenguaje metaférico una tendencia contemporánea en expansión. Finalmente, Reichmann (1984) describe los estudios realizados por Hutcheon observando la importancia del papel del lector en la función de co-creador del texto literario. Se pretende interconectar dialécticamente, temáticas que posibiliten un diálogo capaz de producir reflexiones sociológicas de empatía en el lector.

Palabras clave: Metaficción. la identidad. Bojunga.

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).
E-mail: jocimbertelli@gmail.com

Introdução

O objetivo deste estudo consiste em apresentar uma análise sobre a linguagem literária, não bibliográfica, elaborada por Lygia Bojunga em *Retratos de Carolina*, por meio da teoria metaficcional materializada na obra. Identificaremos como a temática produzidas sob o encantamento desta co-criação pode reverberar no leitor/aluno.

Com base nos estudos de Reichmann (1984), entre outros teóricos que contribuem para os estudos de metaficção, podemos compreender o leitor como um ser capaz de dar forma aos referentes dos mundos de acordo com as “verdades” que compõe a sua realidade e se manifestam no texto, enquanto realidades ficcionais contidas na obra literária.

Nesse aspecto, a linguagem metaficcional permite evidenciar a forma e a significação do texto em uma obra literária que, de acordo com Reichmann (1984, p.1), é um “papel a ser desempenhado pelo leitor, as significações e os sentidos textuais, e os discursivos não podem estar aprisionados no interior dos textos”. Sendo assim, compreendemos que o leitor constrói significados, independentemente da história proposta pelo autor, ou ainda, de acordo com a sua perspectiva e posicionamento social, tanto do autor quando do leitor, criando imagens de representação conforme as significações propostas pelo texto.

Considerando a aplicação dos estudos metaficcionais, observamos que Reichmann (1984, p. 01) argumenta que os estudos da metaficção, nos possibilitam “a brincar com as possibilidades de significado e de forma” na busca de validar a existência de “uma intensa autoconsciência em relação à produção artística e ao papel a ser desempenhado pelo leitor” sendo que, esse convite, oferece ao leitor a oportunidade de “adentrar tanto o espaço literário quanto o espaço evocado pelo romance”, promovendo assim a sua co-produção no enredo criado.

De acordo com os teóricos, norteadores desta pesquisa, a metaficção constrói sentidos a partir dos mecanismos revelados pelo autor na formação da personagem e que encontra conforto e veracidade, no olhar do leitor. Reichmann (1984, p.1), destaca ainda, que “o autor manipulador torna-se uma posição a ser preenchida, uma presença a ser inferida pelo leitor”. E, nesse novo lugar, “o autor pensa mais em reescrever do que

em criar um texto original” e, foi esse, um dos aspectos que transformou a metaficção numa das mais populares teorias dentro do gênero literário.

Destaca-se também os estudos reflexivos evidenciados por Hutcheon e que, de acordo com Reichmann (1984, p.2), realça que a metaficção “não é um fenômeno literário novo, nem esteticamente melhor do que outros”, pois ela “integra uma longa tradição do romance e é exatamente seu grau de autoconsciência sobre realidades literárias que a faz diferente e digna de atenção”.

A linha principal de análise do presente trabalho, a metaficção, caracteriza-se como uma linguagem autônoma, que reflete o mundo produzindo significados únicos, em conformidade com o olhar do leitor, que lê, observa, registra e sente-se apto para intervir na história da personagem da qual ele, leitor, sente que também faz parte. É a “relação com o mundo – complexa, problemática e regulada por convenções – que a metaficcionalidade vai explorar” (NAVAS, 2015, p.4). Na busca de localizar essa relação, entre autor e leitor co-criador, capaz de gerar seus próprios significados; traremos alguns exemplos, serão investigados na sequência.

Discussões teóricas

As reflexões desenvolvidas por Carvalho (1983) sobre Literatura permitem-nos observar o *corpus* de análise a partir de seus aspectos enquanto “conselheiro”, que se apresenta com ideias previamente articuladas e refletidas, como se a obra fosse uma amiga confidente. Ou seja, a partir de leituras bem orientadas, o leitor começa a se aproximar da personagem, criando um elo de confiança com a personagem de tal maneira que essa nova “amiga”, lhe oferece os seus conselhos, ou melhor, os conselhos descritos no livro, e esses lhe ajudam a enfrentar os desafios que estão ocorrendo, simultaneamente, na vida do leitor naquele momento.

Essa analogia permite uma maior proximidade do leitor com a obra, pois, de acordo com (CARVALHO, 1983, p. 173), a “Literatura reflete sempre a sua época; por mais alienada que seja, ela reflete o clima em que foi escrita” levando o leitor a identificar-se com a personagem retratada que vê, na narrativa composta no livro que tem em suas mãos, um reflexo das suas inquietações pessoais.

Para construir um vínculo de confiança, os envolvidos precisam permitir que suas ideias transitem livremente, sem censura, pois, amigos espelham-se uns nos outros, para fortalecer esse relacionamento, que inicialmente parecia distante de si, e da realidade da qual a personagem e o leitor compartilham.

O mesmo acontece no caso da obra, quando o leitor percebe que está lento um texto livre, não censurado, pela maneira pela qual a personagem é concebida, desvelando-a, permitindo uma leitura que flui livre, sem que o leitor sintam-se coagido a ler o livro, isso possibilita o nascimento de uma amizade sólida, entre a personagem e o leitor, de modo que este, com o tempo, sintam-se confiante a opinar na co-criação da obra.

Identificar-se com a obra traz, ao leitor, uma integração com as palavras, de modo, que essas possam ser vistas como uma possibilidade de apreender no texto um sentido de “verdadeiro”, como se fosse uma bibliografia, em razão da narrativa apresentada pelo autor, integrar-se totalmente a sua realidade, enquanto leitor. Entretanto, o leitor, onisciente, percebe tratar-se de uma obra ficcional.

A Literatura, oferece ao leitor, um molde de leitura, com um mecanismo construído, o que assegura que ele entregue-se inteiramente ao deleite das histórias da personagem, deixando-se fluir ou influir, de acordo com os sentimentos dela (Carolina) (sem julgamentos), assim, pode-se considerar a leitura de um texto metaficcional como um texto de consentimento para o leitor.

Para Carvalho (1983), a Literatura Infantil, é relevante, sua leitura,

é, ao mesmo tempo, recreação e terapia, suporte de cultura e o mais importante elemento de comunicação; mas, sobretudo, um instrumento de diálogo entre a criança e o adulto [...] que reflete sempre a sua época (CARVALHO, 1983, p.172-173).

Considerar a importância do meio sobre a obra, é uma linha de pensamento, da qual Candido (2000) posiciona-se sobre a forma como

os elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas; e estas, agindo, permitem por sua vez que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão no grupo (CANDIDO, 2000, p.25).

Os estudos literários possibilitam-nos compreender “que quando pensamos ser nós mesmos, somos público, pertencemos a uma massa cujas reações obedecem a

condicionantes do momento e do meio” (CANDIDO, 2000, p.36), sendo que temos a possibilidade de encontrar, com a literatura, uma forma de identificação, capaz de nos oferecer subsídios culturais capazes de nos distinguir na multidão.

Essas reflexões, possibilitam reconhecer a existência de elementos individuais - os leitores - aptos para absorver as ideologias do meio; utilizando-se da Literatura que se encarrega de retratar o social, o que facilita ao leitor refletir sobre si, na obra ficcional, reconhecendo-a como verdadeira, formadora de novas ideias ou de ideais que ofereça ao leitor, a chance, de obter uma nova conduta pessoal, oferecendo-lhe a opção de deixar de ser mais um ser na coletividade, para se tornar um indivíduo único, ainda que esteja no meio da massa, graças à Literatura.

Compreender a linguagem literária e os impactos que a sua descoberta pode causar no leitor é uma discussão da qual Todorov (2009, p.22) defende, pois, “a literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivo”, ou seja, ela renasce dentro do indivíduo, como palavras que ecoam no meio familiar e social, e causam-lhe uma emoção que vibra, assim como a vida que pulsa dentro de si.

Os textos que lia – relatos pessoais, memórias, obras históricas, testemunhos, reflexões, cartas e textos folclóricos anônimos – não partilhavam o status de ficção com as obras literárias, e isso porque descreviam diretamente os eventos vividos; no entanto, do mesmo modo que a literatura, esses textos me faziam descobrir dimensões incógnitas do mundo, me tocavam e me incitavam a pensar (TODOROV, 2009, p.23).

A relevância da leitura pode ser confirmada, na impressão descrita por Todorov (2009), ao compor e narrar um relato pessoal:

Hoje, me pergunto **por que amo a literatura**, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: **porque ela me ajuda a viver**. Não é mais o caso de pedir a ela, **como ocorria na adolescência, que me preservasse das feridas que eu poderia sofrer nos encontros com pessoas reais**; em lugar de excluir as experiências vividas, **ela me faz descobrir mundos** que se colocam em continuidade com essas experiências e me permite compreendê-las (TODOROV, 2009, p.23, grifos nossos).

A busca de uma vida intensa, a descoberta de mundos inimagináveis, isso é função ou missão, poderíamos dizer da Literatura, pois ela não pode ser considerada apenas um instrumento de entretenimento, já que, conforme Todorov (2009, p. 24), “ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno

de sentido e belo”. Sendo, assim, quase impossível não se entregar a essa arte, sem emocionar-se.

Consideramos a Literatura como um dos melhores meios artísticos que conhecemos com artifícios e tributos capazes de nos ajudar a compreender as emoções que sentimos individualmente e também as emoções de empatia que encontramos no convívio diário, em nosso meio social. Lendo, nos transportamos, para a história de uma personagem que poderia ser um nosso representante pessoal, e essa análise nos auxilia a encontrar as palavras capazes de nos representar enquanto indivíduos criativos e co-participativos da vida.

Ao considerarmos a empatia do leitor com a personagem (Carolina), percebe-se que, ao se emocionar, o seu coração bate mais forte e causa-lhe um turbilhão de sensações, assim, dessa maneira ele, o leitor, recorre às palavras do texto, como um meio, para demonstrar de maneira tangível algo que o leve a identificar e interpretar as suas emoções internas expandindo-as para fora, na busca de uma transformação, como à qual a personagem descrita na obra, que está sendo lida, é capaz de ultrapassar, para se encontrar e conhecer-se.

A Literatura apresenta-nos, constantemente, graças aos milhares de autores que a compõe, novas histórias, e junto com elas novos termos que assentem ao leitor expressar os seus sentimentos em vocábulos para reconhecer-se, enquanto indivíduo, aspirando a convivência no meio social, ao qual está inserido.

A leitura de uma obra proporciona esse encontro com o outro, as vidas retratadas na obra são ficcionais, mas refletem com vigor a vida da personagem, composta de dor e amor, e essa se torna, para o leitor, uma presença verdadeira, impulsionando as imagens para uma vida, a qual o leitor gostaria que fosse a sua própria experiência de vida, essa identificação é possível graças a meta-ficção.

A busca de uma linguagem que emociona e ajuda o indivíduo a conhecer-se, também serve de atrativo para ser transposta, por exemplo, para uma sala de aula, quando deseja-se apresentar ao aluno uma nova obra literária, pois o escritor, por meio da sua obra, se mostra, e mostra junto, a importância da Literatura, que pode proporcionar ao leitor uma pausa em sua vida, de reflexão sobre si mesmo, e nesse momento, de quietude, existe a possibilidade de ocorrer-lhe o melhor encontro da sua vida – o encontro consigo mesmo.

É preciso ir além. Não apenas estudamos mal o sentido de um texto se nos atemos a uma abordagem interna estrita [...] é preciso também que **nos questionemos sobre a finalidade última das obras que julgamos dignas de serem estudadas**. Em regra geral, **o leitor não profissional, tanto hoje quanto ontem, lê essas obras não para melhor dominar um método de ensino**, tampouco para retirar informações sobre as sociedades a partir das quais foram criadas, **mas para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo**, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, **ele compreende melhor a si mesmo** (TODOROV, 2009, p.32, grifos nossos).

Unificar o diálogo proposto pela obra literária ao aluno, é um exemplo de proposta para o professor, em busca do novo, para despertar a curiosidade do aluno, pois, conforme Gagnebin (1997):

A verdadeira arte é uma busca incessante ao novo. [...] O novo é uma **certa qualidade do olhar, própria do artista**, do convescente e da criança [...]. Ao se tornar um adulto, ela (a criança) adquire a razão e, geralmente, perde a intensidade da visão, não consegue então ver o novo porque perdeu a capacidade de encontrá-lo. Assim, **só um retorno organizado à infância permite a conjunção da curiosidade**, da intensidade (própria da criança) e da organização voluntária e racional (própria do adulto) **que geram a expressão artística** (GAGNEBIN, 1997, p. 145, grifos nossos).

A curiosidade, o desejo de conhecer-se, são alguns dos motivos que levam o leitor deixar-se ser conduzido para dentro de si sob a orientação do olhar da personagem. Essa entrega, para dentro da obra, poderá levar o leitor para uma nova compreensão do ser, ajudando-o a transpor os percalços da vida de tal forma a minimizar a sua dor e então, talvez, nesse momento de inquietude, o leitor reencontre também a vivacidade e o encantamento, como quando era criança, para prosseguir vivendo essa nova fase da vida adulta, com alegria.

O encontro do leitor com a personagem ocorre na representação de algumas fases da vida juvenil que pode ser verificada na obra ficcional, e se observa enfaticamente, na obra “*Retratos de Carolina*”, em que a vida imita a arte ou vice-versa, pois compreendemos a arte como uma expressão literária capaz de refletir encontros emocionantes, entre o leitor e a obra.

Para conhecermos o trabalho da escritora Lygia Bojunga apresentamos algumas informações sobre a criadora de *Carolina*, personagem reproduzida em *Retratos de Carolina*. O histórico serve apenas como uma forma de aproximação do autor com o

leitor, permitindo localizar algumas das motivações pessoais que levam àquela forma de escrita, tornando-se um atrativo a mais para o leitor passar a considerar-se um fã da escritora e um leitor para a vida.

O *site* do Prêmio de Literatura da Memória de Astrid Lindgren (ALMA) apresenta a autora como “escritora brasileira, escreveu inicialmente os seus livros sob o nome Lygia Bojunga Nunes” (agora assina como Lygia Bojunga). Nasceu em 1932, na cidade de Pelotas (RS), mudou-se aos oito anos de idade para o Rio de Janeiro, onde, em 1951, torna-se atriz itinerante com uma companhia de teatro. Essas viagens, importantes para que ela pudesse aproximar-se melhor da realidade brasileira, foram causadoras de uma grande transformação em sua vida. Bojunga, sensibilizada com as altas taxas de analfabetismo, sentiu a necessidade de fundar uma escola para crianças carentes, na qual trabalhou por cinco anos. Ela também trabalhou no rádio e na televisão, antes de estreiar como escritora de livros infantis em 1972.

De acordo com a biografia da autora e disponível no *site* ALMA:

Num continente que se tornou conhecido por seu realismo mágico e contos fantásticos, **a literatura infantil brasileira caracteriza-se por uma acentuada transgressão dos limites entre a fantasia e a realidade. Lygia Bojunga é uma escritora que perpetuou esta tradição e a tornou perfeita.** Para ela, **o cotidiano está repleto de magia:** onde brotam os desejos tão pesados que literalmente não é possível erguê-los, onde alfinetes e guarda-chuvas conversam tão obviamente como os peões e as bolas, onde animais vivem vidas tão variadas e vulneráveis como as pessoas. Imperceptivelmente, o concreto da realidade transforma-se noutra coisa, não num outro mundo, mas **num mundo dentro do mundo dos sentidos, onde a linha entre o possível é tão difusa como fácil de ultrapassar.** A tristeza [...] a morte não é tabu, a desilusão também não, mas além da próxima esquina, espera a cura. [...]. **Os textos de Bojunga baseiam-se fortemente na perspectiva da criança. Ela observa o mundo através dos olhos brincalhões da criança. Os ventos da liberdade são fortes nos livros de Bojunga, onde a crítica contra a falta de igualdade entre os sexos é um tema recorrente. Mas Bojunga nunca dá sermões,** o sério é sempre equilibrado pela brincadeira e o humor absurdo. [...] Bojunga (que costuma apresentar-se em público com monólogos dramáticos) **tem o dom da narrativa oral que prende o leitor logo na primeira página.** (BOJUNGA, 2002, p.1-2, grifos nossos).

Evidenciando-se os elogios tecidos pelo *site* do Prêmio de Literatura da Memória de Astrid Lindgren (ALMA), percebe-se a relevância da escritora no Brasil e internacionalmente. Dentro do mundo literário, em especial na Literatura Infantojuvenil,

é notório o encantamento da autora pelo mundo, mas em especial pelos jovens. Ela transforma histórias de vidas, busca retratar em seus personagens, cada ser que ela esbarra em seu caminho de vida pessoal. Bojunga respeita e retrata esses encontros com verdade: a sua e a do outro, sendo capaz de deixar marcas inesquecíveis desse encontro vivido, com o seu leitor.

O site ALMA, destaca também, que as obras de Bojunga (23) estão traduzidas para várias línguas, entre as quais alemão, espanhol, francês, norueguês, sueco, hebraico, italiano, checo, búlgaro e islandês. A escritora recebeu vários prêmios, dentre eles, o Prêmio Jabuti (1973), o prestigiado Prêmio Hans Christian Andersen (1982), o Prêmio da Literatura Rattenfänger (1986), e, em 2004, pelo conjunto de sua obra, ALMA – *Astrid Lindgren Memorial Award* – o maior prêmio internacional jamais instituído em prol da literatura para crianças e jovens, criado pelo governo da Suécia, enfim, prêmios esses que consagram o reconhecimento de uma carreira literária de sucesso.

Algumas reflexões sobre *Carolina*, de Bojunga

Na contracapa do livro *Retratos de Carolina*, cujos fragmentos compõem o objeto de análise deste artigo, Lygia Bojunga discute os termos para um pacto de leitura a ser firmado entre o autor, o leitor e o texto:

É com *Retratos de Carolina* que eu começo essa nova caminhada. Aqui, **eu me misturo com a Carolina**, viro personagem também: queria ver se dava pra ficar todo mundo morando junto na mesma casa: eu, a Carolina, e mais os outros personagens na CASA que eu inventei (BOJUNGA, 2002, contracapa, grifos nossos).

O trecho explica que esse é o início de uma “nova caminhada”, e, que nesse percurso, a sua história (autora) se mistura com a história de *Carolina* (personagem) de forma que elas – *Bojunga e Carolina* - se tornam personagens no livro.

Essa instrução, de acordo com Colomer (2002), ocorre no momento em que

o texto tende a explicitar as regras do artifício literário e a propor uma conexão mimética entre a ficção e a realidade, entre significado e significante [são] características que foram colocadas pela teoria literária sob o termo de “**metaficção**” (COLOMER, 2002, p. 109, grifos nossos).

Sob esse prisma, considerando o pacto proposto pela autora, incorporar-se à obra, faremos reflexões com o objetivo de tecer uma análise sobre questões de teoria literária, utilizando como um meio, a metaficção.

A obra *Retratos de Carolina* possui duas partes distintas. A primeira mostra a história de *Carolina* dos seis aos vinte e cinco anos de idade. A segunda parte, sob o título “Pra você que me lê”, refere-se aos dois últimos capítulos, denominados pela autora como “retratos” da personagem. Destaca-se ainda, que o autorretrato de *Carolina* ocorre em forma de diário, aos vinte e nove anos, e é uma conversa da escritora com o leitor, em que a autora apresenta ao leitor um emaranhado de sentimentos, considerados como “a sua verdade”, expressão característica descrita utilizando o recurso da metaficção, o qual permite a fusão de emoções pessoais com as da personagem – reais e ficcionais.

Observamos, também, que essa criação artística, numa obra literária, atrai o leitor, pois, a realidade expressa no livro é de aproximação, como se fosse um diálogo, que o leitor tivesse com um amigo, ou seja, esse diálogo propicia à reflexão e à comoção no leitor, enquanto esse lê as páginas da obra que contém a narrativa do livro.

Essa “conversa” que a autora-personagem relata se desenrola naturalmente, como se ela se encontrasse dentro da nossa casa, disposta a nos mostrar como é o ofício de uma escritora. Bojunga inicia a narrativa com simplicidade, dizendo:

Deixa ver se eu me explico: se lá no *Feito à Mão* eu uso o espaço da **nossa conversa pra te contar** como é que eu desenvolvi o projeto de um livro artesanal, aqui, nos *Retratos*, eu uso um espaço diferente (justo **quando o livro vai acabando é que eu começo o papo**) pra te contar a hesitação que me perseguiu até conseguir botar um ponto final na Carolina. Só que, dessa vez, **eu converso com você** em feitiço de *história-que-continua* (BOJUNGA, 2002, p. 163, grifos nossos e da autora).

Nessa fusão de sentimentos, o leitor percebe que não está lendo uma narrativa qualquer, ficcional e distante, mas uma aventura que poderia ser também a sua, que se mistura com a da personagem. Esse recurso linguístico possibilita-nos refletir sobre a obra produzida, mas também revela um novo modo de contar histórias, atravessado pela metaficção, ou melhor, unido por ela.

Esse método de criação, feito a duas mãos, *autora-personagem e personagem*, é apresentado em pormenores no livro, como se observa, por exemplo, quando *Carolina* solicita para a autora-personagem o seu desejo de viver uma história de amor com o Discípulo, outro personagem que Bojunga ainda está criando:

Mas como é que fica?

Ué: fica como ficou no teu autorretrato. Nem mais, nem menos.

Mas não pode.

Por que que não pode?

É claro que não pode! Lá ele [o Discípulo] não tem... não tem história. Não tem começo-meio-e-fim. Lá ele... ele só vive na minha imaginação; não é feito o meu pai, feito... a minha mãe, feito a Bianca...[...]

O Discípulo fica sendo **fruto do espaço da tua imaginação**, dos teus sonhos. É só lá que ele vai viver (BOJUNGA, 2002, p. 205, grifos nossos).

Fica evidente, nessa sequência narrativa, o poder persuasivo de *Carolina*. Ela se utiliza de recursos argumentativos para tentar convencer a autora a satisfazer o seu desejo. A metaficcionalidade permite esse encontro *da criadora com a criatura*, assim, elas atuam na história como se fossem duas velhas amigas conspirando novas maneiras para conseguirem realizar os próprios desejos. Esse diálogo nos permite observar o respeito que a escritora-personagem tem por suas criações, dando-lhes voz de forma a rememorar, no leitor mais atento, a existência de um pacto inicial, proposto por Bojunga, de participar da história em que os caminhos entre a autora-personagem e a personagem são entrelaçados, e, nesse momento, cabe a ele (o leitor) decidir entre a verdade ou a ficção, da narrativa na obra ou na vida.

A metaficção [...] nega que a linguagem seja invisível, e alerta contra a total identificação e absorção no livro - é um agente subversor da forma canônica da literatura infantil e juvenil e **converte o leitor em colaborador autoconsciente**, mais do que em um consumidor facilmente manipulável (COLOMER, 2003, p. 112, grifos nossos).

A transparência na escrita literária de Bojunga é um dos seus maiores atrativos, ela transforma o leitor em seu assistente de criação, esse trabalho é destacado por Colomer (2002):

Este gênero de descrições sobre a produção foram iniciadas muito recentemente e este trabalho se propõe a contribuir para isso, na medida em que **pretende demonstrar que a participação do leitor é**

uma das principais mudanças ocorridas na literatura infantil nos últimos anos (COLOMER, 2003, p. 113, grifos nossos).

Lajolo e Zilberman (2007, p. 156) acrescentam que os livros de Bojunga “representam, nas histórias que contam, desajustes, frustrações, marginalização social e familiar” que são objetos recorrentes na fase de transição entre a adolescência e a fase adulta. A crise existencial, que o jovem/leitor vivencia, pode apresentar relações com os conflitos que “as personagens dessa autora vivem, no limite, crises de identidade: divididas entre a imagem que os outros têm delas e a autoimagem que irrompe de seu interior” na busca de obter visibilidade, mas principalmente, compreensão.

A metaficção permite uma escrita intrincada, como demonstramos no próximo exemplo, em que a escritora-personagem narra a despedida da personagem como se fosse a sua própria filha, uma descrição delicada, assim também como o momento que está descrevendo, ou melhor, acontecendo:

- Carolina, **vê se entende, filha**: a tua história chegou ao fim. Com esse teu retrato aos vinte e nove anos eu quis deslanchar a tua profissão, a tua criatividade, a tua independência econômica e, acima de tudo, a **tua confiança nessa tua mão ai** (...).
– Mas o Discípulo... – **Ele fica na tua fantasia**, eu já disse: o papel dele acabou sendo esse. O que não é nada de fazer ninguém chorar: quantas coisas, quantos alguéms ficam **morando pra sempre na fantasia da gente?** (BOJUNGA, 2002, p.230, grifos nossos).

A personagem *Carolina*, uma criação de Bojunga, também terá um fim, assim como acontece com um ser mortal, por isso, no final da obra, cabe ao criador destruir a sua criação. *Retratos de Carolina* termina, igual uma pessoa normal, em que a vida um dia finda (sem aviso-prévio). Porém, na narrativa da despedida, se observa que a autora-personagem se comporta como uma mãe carinhosa, que explica para *Carolina*, o quanto a vida dela foi boa e como ela atravessou com sucesso as fases difíceis que ocorreram na sua existência.

O passo a passo, das fases, ou melhor, os “retratos” mais importantes que simbolizam o percurso da “vida de Carolina”, foram apresentados lentamente, para que o leitor pudesse conhecer e se identificar com a personagem, isto é, mais uma vez, a metaficção se introduz na história para desvelar a possibilidade de uma personagem crescer “sozinha”, com as próprias mãos, ou melhor, “pelas” mãos da autora.

Destacamos outras qualidades da escrita de Bojunga, conforme Lajolo e Zilberman (2007),

Sua narrativa flui num ritmo vagaroso, atento à minúcia de comportamento e de ambiente que às vezes se aproxima do fluxo de consciência. O resultado de uma narrativa original quem além de romper com a linearidade, parece ter a intenção de colar-se ao modo infantil de perceber e dar significado ao mundo (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 156).

Bojunga é uma escritora atenta ao meio social ao qual pertence, por isso, o leitor se identifica imediatamente com os retratos narrados por *Carolina* relacionando-os com a sua própria vida, de forma única, compreendendo a personagem como um indivíduo em busca de si mesmo, que busca ultrapassar as suas dificuldades diárias, enquanto ser humano.

Retratos de Carolina termina de forma emotiva. A despedida da personagem com a autora-personagem nos permite ver a autora-personagem como uma mãe que reconhece que a filha cresceu assim como a personagem também cresceu (ou vice-versa) e é chegado o momento da partida.

Bojunga, vacilante, se afasta de *Carolina*, ela descreve:

Mas eu continuei me afastando. Sem querer olhar para trás. Eu não vou mais olhar pra trás. **Eu não vou mais olhar pra trás. Mas não resisti, acabei me virando: Carolina continuava no mesmo lugar.** A fisionomia dela estava resignada. Resignada não: serena. **Muito serena. Respirei aliviada.** Levantei o braço e acenei com a mão. Esperei. Sem pressa, mas sem nenhuma hesitação, ela respondeu ao meu aceno, me dizendo também: **tchau** (BOJUNGA, 2002, p.231, grifos nossos).

Essa despedida demonstra que a autora, com serenidade, segue seu caminho, confiante na criação realizada, ou talvez possamos dizer, graças a metaficção, confia na criação passada de mãe para filha. Sabe, que agora ela segue em frente, pronta para ser lida e/ou vivida por quem tiver coragem de aventurar-se nas emoções do cotidiano.

Considerações finais

As reflexões ora apresentadas objetivam dar destaque para a escrita metafictional de Lygia Bojunga, demonstrando a eficiência de um modelo de criação em demonstrar a

possibilidade de criar e dar voz a uma personagem de forma a permitir, também ao leitor, haver uma participação ativa na narrativa de uma obra literária.

Os relatos da história vivida pela personagem *Carolina*, apresenta-nos uma linguagem de identificação, capaz de acalantar angústias e anseios dos retratos descritos que compõe (não apenas) a vida de *Carolina*, mas ainda, levando-nos a reflexão para o próximo, o outro, que encontramos no percurso da vida, e que às vezes caminha ao nosso lado, algumas fases importantes da nossa vida, o qual, chamamos: amigos.

Todorov (2009, p.76) mostra-nos a força da literatura ao dizer que ela é capaz de “nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam”, e nessa extensão, ela é capaz de “nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver” transformando-nos enquanto indivíduos de dentro para fora, para alcançarmos a plenitude do espelho, para nos reconhecermos, enquanto indivíduos particulares, especiais, que se distinguem na massa.

Retrato é um gênero da fotografia que visa reproduzir uma imagem, de algo ou alguém, possibilitando observar o meio como uma compreensão interna, ávido por causar no outro, um encontro do ser, consigo mesmo. *Retrato de Carolina* possibilita, através da metalinguagem, observar-se, enquanto leitor. A imagem que se reflete nas páginas do livro, ou talvez, diante do espelho, leva-o a reconhecer-se como indivíduo e aceitar-se, como todas as suas emoções de alegria e dor, que fazem parte dessa experiência magnífica, que também denominamos: vida!

Referências

- ALMA. **O Prêmio de Literatura da Memória de Astrid Lindgren (ALMA)**. Disponível em: <http://www.alma.se/upload/alma/pristagare/2004/biobibliography_portugese.pdf> Acesso em 15 out 2017.
- BOJUNGA, L. **Retratos de Carolina**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2002.
- CÂNDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 8. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.
- CARVALHO, B.V. **A Literatura Infantil**. 2. ed. São Paulo: Edart, 1983.

GAGNEBIN, J. M. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história.** Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.

LAJOLO M.; ZILBERMAN R. **Literatura infantil brasileira** História & Histórias. São Paulo: Ática, 2007.

NAVAS, D. Metaficção e a formação do jovem leitor na literatura infantil e juvenil brasileira contemporânea. *In: Revistas UFG.* v. 19, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/39889>> Acesso em 10 out 2017.

REICHMANN, B. T. **O que é Metaficção?** Narrativa Narcisista: O paradoxo metaficcional de Linda Hutcheon. Resenhado de HUTCHEON, L. Narcissistic narrative: the metafictional paradox. 2 ed. New York: Methuen, 1984. Disponível em: <<https://www.uniandrade.br/docs/mestrado/pdf/publicacoes/metaficcao.pdf>> Acesso em 10 out 2017.

TODOROV, T. **A literatura em perigo.** Trad. Caio Meira, Rio de Janeiro: Difel, 2009.